

unidade

ORGÃO CENTRAL DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO PORTUGUÊS

"O POVO TRABALHADOR E AS MASSAS POPULARES NÃO DEIXARÃO DE MANIFESTAR A MAIS PROFUNDA E ACTIVA SOLIDARIEDADE COM OS MILITARES PATRIOTAS E PROGRESSISTAS E DE REAFIRMAR A ESTREITA IDENTIDADE DAS SUAS LUTAS PELO OBJECTIVO COMUM DA DEFESA DA LIBERDADE E DO CAMINHO PARA O SOCIALISMO." COMUN. C.C. MDP/CDP 25-11-75

O POVO QUER O SOCIALISMO

A HISTÓRIA NÃO VOLTA ATRÁS!



As conquistas alcançadas desde o 25 de Abril não podem ser perdidas. É ao povo organizado - aos camponeses, operários, militares, intelectuais - que compete a defesa intransigente dos avanços da revolução. A reforma agrária não deve recuar no seu processo; as empresas nacionalizadas, assim devem permanecer; as comissões de trabalhadores, continuarão a exercer um crescente controle da produção; as comissões de moradores, hão de continuar a reunir, em torno de problemas concretos, os habitantes de cada lugar. O entrelaçamento de todas as estruturas do movimento popular em formas adequadas de organização, marca o caminho da sociedade futura.

O avanço da História é irregular mas nunca os factos se repetem. Se tivemos meio século de fascismo nunca mais será da mesma maneira. Por brutal que a experiência tenha sido, se o fascismo voltar será pior, mais requintado, mais violento, mais repressivo, mais explorador. Recordemos uma vez mais - e tantas quantas forem necessárias - o Chile e Pinochet. A tirania cruel que então se revelou, conhecemo-la nós, de longe, mas sofrem-na na carne e no sangue os martirizados trabalhadores do Chile.

As conquistas que o povo alcança resultam dos seus esforços, dos seus sacrifícios, da sua luta. A revolução portuguesa atravessa um passo difícil. Vencê-lo-á, se soubermos formar frente unida contra o fascismo, principal inimigo a derrotar. Se soubermos reforçar e alargar a organização política e de massas, com espírito de iniciativa, força, coragem e unidade. Retomaremos o caminho da sociedade socialista. Não vacilaremos na luta.

A HISTÓRIA NÃO VOLTARÁ ATRÁS !

EDITORIAL

AMPLA UNIDADE: CONDIÇÃO DE VITÓRIA

Com os acontecimentos de 25 de Novembro e a sua posterior evolução, a revolução portuguesa, longe de ter perante si caminhos mais claros e positivos para a solução da profundíssima crise que a afectava desde há alguns meses, defronta-se, pelo contrário, com a perspectiva de se tornar mais difícil o completo extirpar das raízes dessa crise.

Só os que erradamente tiverem pensado e continuarem a pensar que a solução para as tensões existentes na sociedade portuguesa, se resumia a uma simples questão de relação de forças no plano militar, de supremacia desta ou daquela tendência e marginalização de outras, podem hoje embarcar na perigosa ilusão de que tudo está resolvido.

Só os que erradamente tiverem pensado e continuarem a

pensar que a solução para os graves problemas nacionais está na imposição de uma ordem e autoridade que sejam suporte de uma política que não tenha o apoio da classe operária, dos trabalhadores e das massas populares em movimento, podem hoje deixar-se envolver por uma euforia que cedo, perante a força poderosa da realidade, se desvanecerá.

Nas últimas semanas antes de 25 de Novembro, desenvolveu-se no País um poderoso movimento de crítica e oposição à política dos órgãos de poder, traduzido em numerosas jornadas de luta que envolveram centenas de milhares de trabalhadores. Essa vasta movimentação exprimia a enorme incompatibilidade entre processo revolucionário a caminho do socialismo e política de di-

CONTINUA PAG. 2

reita, deu voz e corpo à vontade das massas trabalhadoras participarem no processo e verem respeitados os seus interesses.

Seria um perigoso erro de cálculo, infelizmente já a ser praticado por algumas forças, caricaturar um movimento tão amplo e avassalador como simples fruto da manipulação de forças políticas e órgãos de comunicação.

Em Portugal não haverá nem liberdade, nem democracia, nem socialismo, sem a activa participação dos trabalhadores, do movimento de massas com as suas estruturas organizadas, sem o sério reconhecimento do papel e importância das forças e sectores revolucionários.

Foi este conjunto que enfraqueceu o fascismo preparando as condições para o seu derrubamento em 25 de Abril pelo MPA, que operou, em aliança com os militares patriotas, a passagem da queda do fascismo para o início de um processo revolucionário, que impulsionou as mais importantes transformações económicas e sociais realizadas na nossa Pátria.

Sem o respeito e consideração dos seus interesses, do seu peso e influência determinante, capacidade combativa e dedicação à revolução, pode a linguagem oficial continuar a usar as palavras mais queridas do nosso povo, mas a prática política, os actos, a realidade já nada terão que ver com os ideais libertadores do 25 de Abril.

O triunfalismo perante o enfraquecimento das posições de esquerda e sobretudo perante a alteração da correlação de forças a nível militar, o espírito de retaliação, a hostilidade geral para com as forças revolucionárias, a tentação de preparar coletes de forças para os trabalhadores e o movimento de massas, as restrições às liberdades, só dariam folego renovado às forças reaccionárias que hoje continuam a fazer alianças tácitas mas que, tão cedo quanto puderem, procuram assegurar o domínio total da situação.

A reacção e o fascismo não são uma entidade abstracta nem um perigo mítico. Dispoem de meios poderosos, apoiam-se em organizações legais e exprimem-se mesmo através de alguns partidos estão organizados e infiltram-se por toda a parte, ocupam posições nas próprias Forças Armadas.

Exactamente porque assim é, o avanço da direita, da reacção e do fascismo, não será contido mediante a satisfação das suas pressões e exigências, dando-lhe novas posições ou combatendo a esquerda.

A ofensiva da direita, visível e alarmante, em atitudes e acontecimentos dos últimos dias, exige uma outra resposta.

Exige, fundamentalmente, a ampla unidade de todas as forças e sectores que querem efectiva e realmente manter Portugal como um país democrático a caminho do socialismo. Exige que o combate à esquerda seja substituído rapidamente por uma firme política de combate à reacção e de desmantelamento das suas organizações.

Exige uma solução política progressista para a crise e não qualquer arranjo com a direita feita na base da marginalização da esquerda. Exige que o País regresse à normalidade, que as liberdades democráticas possam ser exercidas em plenitude em todo o território nacional.

Exige que, apesar das previsíveis dificuldades, haja a compreensão de que a vontade, os interesses e aspirações dos trabalhadores tem de pautar a actividade dos órgãos de poder. Exige que se contrarie firmemente a tentativa de estabelecer no País um clima de coacção e intimidação que cerceie a intervenção criadora das massas populares.

Exige que aqueles que tanto levantaram a bandeira do pluralismo, da liberdade e da democracia se recusem a gora a ligar os seus nomes ao silenciar de diferentes opiniões e interpretações de acontecimentos, ao restringir do conteúdo popular e amplo que as liberdades democráticas ganharam em Portugal, ao anquilosamento formal da democracia.

O MDP/CDE e os seus militantes, temperados nas grandes lutas contra o fascismo e na defesa da revolução do 25 de Abril, continuarão a assumir as responsabilidades patrióticas que lhes cabem na defesa dos interesses populares, na tarefa essencial de defender firmemente a revolução, única forma de assegurar a paz, a liberdade e o progresso porque o povo português aspira.



Comunicado da Comissão Central

1

A evolução da situação criada depois dos acontecimentos de 25 de Novembro continua a justificar as mais sérias preocupações.

2

No grave momento que a revolução atravessa, impunha-se que o significado daqueles acontecimentos fosse avaliado tendo em conta a profunda crise político-militar existente no País. Não é isso que está a acontecer, assistindo-se, pelo contrário, à sua exploração deliberada com o objectivo de impor uma grande viragem no curso do processo revolucionário.

3

As medidas restritivas e repressivas que continuam a ser adoptadas caracterizam uma orientação intransigente que não favorece a solução política, realista mas progressista, que é urgente encontrar para a superação da crise.

A repressão sobre sectores revolucionários das Forças Armadas - envolvendo prisões, demissões de cargos e passagens à disponibilidade -, a manutenção do estado de sitio na Região Militar de Lisboa, a suspensão da imprensa nacionalizada com a demissão dos seus órgãos e o cancelamento da contratação colectiva de trabalho, são medidas com que se procura enfraquecer a esquerda, pôr em causa as liberdades e ofender os interesses dos trabalhadores.

4

Estas e outras decisões constituem sérios perigos para a liberdade e a democracia, resultando do peso e influência de sectores reaccionários na condução dos acontecimentos.

A não ser contida com firmeza, uma tal ofensiva acabaria por instaurar no País, por via violenta ou gradual, um regime autoritário e repressivo semelhante à ditadura fascista.

5

É de vital importância para a defesa da liberdade e da democracia que se unam todas as forças e se reúnam todas as energias para vencer de imediato este perigo.

Só a estreita unidade das forças políticas e sectores militares que, apesar das divergências quanto à construção do socialismo, estão dispostas a impedir o regresso do fascismo, pode travar o passo ao avanço da direita.

Só a ampla unidade dos trabalhadores e das massas populares e a sua plena intervenção pode assegurar eficazmente a defesa da revolução.

6

A manutenção do estado de sitio na R.M.L. - para o qual não se encontra justificação - prejudica este combate patriótico e decisivo e apenas dá força à reacção e ao fascismo. O seu levantamento torna-se por isso uma exigência premente e constitui uma aspiração democrática que não pode ser desprezada.

Desenvolver esforços para que o estado de sitio termine imediatamente é a tarefa que, desde já, deve unir na acção todos os democratas e anti-fascistas.

7

A situação é difícil e comporta sérias ameaças às grandes e heroicas conquistas do povo português.

O desânimo é reaccionário e só serve os interesses dos inimigos da liberdade e do povo.

A única atitude revolucionária é conservar a serenidade e a confiança na força poderosa dos trabalhadores e das massas populares, é manter uma elevada organização, é conservar posições e ampliar energias, é desenvolver uma actividade firme em favor da liberdade, da democracia e do caminho para o socialismo.

29.11.75

A COMISSÃO CENTRAL DO
MDP/CDE

unidade

Rua Artilharia Um, 105-119 Lisboa. TEL. 688573/688584.



O MDP/CDE E O MOMENTO POLÍTICO

1.

A revolução portuguesa, desde o 25 de Abril erguida e defendida corajosamente pelo povo trabalhador e pelos militares progressistas, vive hoje momentos difíceis e de indiscutível gravidade.

2.

Integradas na vasta movimentação através da qual se tem exprimido vigorosamente a determinação dos trabalhadores de se oporem à política de direita e anti-popular em curso, vieram a ganhar grande importância e justo relevo as lutas dos soldados, sargentos e oficiais progressistas. As acções desenvolvidas contra os saneamentos à esquerda, contra a disciplina cega e o autoritarismo reaccionário, contra a conquista pela direita de posições chave no aparelho militar, pela democratização das Forças Armadas, pela manutenção da sua ligação às lutas do povo, são momentos altos do processo revolucionário português.

Quaisquer que sejam as contingências e o desfecho das lutas ultimamente desenvolvidas nesse domínio, o povo trabalhador e as massas populares não deixarão de, em todas as circunstâncias, manifestar a mais profunda e activa solidariedade com os militares patriotas e progressistas e de reafirmar a estreita identidade das suas lutas pelo objectivo comum da defesa da liberdade e do caminho para o socialismo.

3.

As medidas políticas e iniciativas militares decididas pelos actuais órgãos de poder como resposta aos últimos acontecimentos não podem deixar de causar viva apreensão às forças progressistas, aos trabalhadores, a todos os patriotas, democratas e anti-fascistas que justamente entendem, de acordo com factos quotidianos, que o perigo vem da direita, não da esquerda, não dos revolucionários.

A orientação que está a ser adoptada longe de conduzir a qualquer solução da crise político-militar, abre perigosíssimas perspectivas para o avanço das forças reaccionárias, para a destruição das liberdades para a exploração da situação existente pela direita mais reaccionária, existindo indícios de que esta procura hábilmente conduzir os acontecimentos e aproveitar a fundo as possibilidades que as medidas de excepção lhe abrem.

Sempre que se ataca a esquerda, se tenta instaurar um clima propício à sua repressão, se limitam gravemente as liberdades exactamente onde as forças populares são mais fortes e, simultaneamente se deixa intacta a capacidade organizativa da reacção e do fascismo, é a direita que se sente estimulada e favorecida, é a direita que ganha mais força mesmo para liquidar e engolir os seus aliados de ocasião.

Superando reservas, desconfianças e divergências, é isto que terá de ser rapidamente compreendido por todos quantos estiverem sinceramente interessados em defender a liberdade e assegurar o caminho para uma sociedade sem exploração, por todos os que manifestem apreensão pelo reforço de posições e crescente papel que está a assumir a direita militar reaccionária.

4.

Apesar das sérias dificuldades actuais e do enfraquecimento das posições revolucionárias nas forças Armadas, a revolução portuguesa continua a contar com energias e forças consideráveis. Os trabalhadores, as organizações populares unitárias, o movimento sindical, os soldados e marinheiros, sargentos e oficiais fiéis à revolução constituem uma força poderosa que continuará a afirmar-se em todos os sectores da vida nacional com um vigor e uma firmeza ainda maiores enquanto não terminar a política de direita, enquanto os órgãos de poder não forem constituídos por forma a servir o interesse dos trabalhadores e a respeitar e a garantir a direcção para o socialismo da nossa revolução.

5.

No momento actual é de vital importância: manter a serenidade, a confiança e a firmeza; elevar a atenção e vigilância revolucionária sobre a evolução dos acontecimentos; ponderar com lucidez as formas e as condições de luta de acordo com a situação concreta; reforçar a estreita ligação dos militantes revolucionários com as suas organizações; combater e desmascarar as calúnias das forças de direita e resistir às suas manobras tendentes a lançar a confusão e o desânimo nas fileiras dos trabalhadores e das massas populares.

O MDP/CDE, saudando todos os democratas e patriotas que saberão, hoje mais do que nunca manter a sua determinação revolucionária, manifesta a sua profunda convicção de que o avanço da direita será derrotado, as liberdades serão defendidas, as conquistas do povo preservadas e que, com ampla unidade das forças do progresso e da liberdade, se assegurará o triunfo da revolução.

25.11.75

A COMISSÃO CENTRAL DO
MOVIMENTO DEMOCRÁTICO PORTUGUÊS



Juramento de bandeira no Ralis

"Pela vitória da Revolução Socialista"

Com uma nova fórmula, aprovada pelos militares da unidade, e com uma saudação lida por uma operária aos "camaradas soldados", realizou-se no Ralis o juramento de bandeira de 170 recrutas.

De braço estendido e punho cerrado, soldados disseram em coro:

"Nós, soldados, juramos ser fiéis à Pátria e lutar pela sua liberdade e independência. Juramos estar sempre, sempre ao lado do povo, ao serviço da classe operária, dos camponeses e do povo trabalhador. Juramos lutar com todas as nossas capacidades, com voluntária aceitação da disciplina revolucionária, contra o fascismo, contra o imperialismo, pela democracia e poder para o povo, pela vitória da revolução socialista".

Um dos pontos altos da cerimónia, a que assistiram representantes das comissões de moradores e trabalhadores da zona, verificou-se com uma saudação de uma operária da indústria têxtil aos "camaradas soldados que hoje aqui marcaram mais um passo na caminhada para um Exército verdadeiramente ao serviço do povo".

"A possibilidade que me foi concedida de vos falar encerra um profundo significado, afirmou a jovem operária, o de que não mais os soldados do Ralis jurarão uma obediência cega a uma disciplina militarista apostada em utilizar as armas que o povo paga não para o defender mas para o oprimir".

E continuou:

"Estamos certos de que, seguindo a tradição recente do Ralis, vós sabereis colocar-vos de arma e coração ao lado do povo trabalhador, na certeza de que servindo a causa do Povo servireis a vossa própria causa".

Comunicado



O MDP/CDE REJEITA AS ACUSAÇÕES E INSINUAÇÕES DO DR. MÁRIO SOARES

Tendo tomado conhecimento, através do relato efectuado pelo Primeiro de Janeiro, de que o dr. Mário Soares teria criticado diversas forças políticas de esquerda, entre as quais o MDP/CDE, atribuindo-lhes "igualmente uma boa percentagem de responsabilidades nos acontecimentos que alarmaram o País" a Comissão Central do MDP/CDE julga indispensável acentuar o seguinte:

1. A serem verdadeiras as afirmações atribuídas ao Secretário Geral do PS, haverá que concluir que se trata de uma baixa manobra tendente a preparar o terreno para atingir um Partido responsável, patriótico e activo defensor das liberdades, com as medidas restritivas ou repressivas que agora estão a atingir um vasto conjunto de militares progressistas.
2. O MDP/CDE rejeita, frontalmente as acusações e insinuações do dr. Mário Soares, que não têm qualquer fundamento. Os recentes acontecimentos, que deram origem à situação actual, enquadram-se numa movimentação muito vasta dos militares progressistas pela democratização das forças armadas e sua identificação com o processo revolucionário que sempre contou com o indiscutível apoio do povo trabalhador, não sendo por isso legítimo procurar envolver e responsabilizar partidos políticos por tal acção ou iniciativa.
3. A propósito desta matéria, como em geral sobre o momento político, o MDP/CDE volta a alertar para que a histeria repressiva sobre a esquerda e sobre os revolucionários só favorece a direita reaccionária e os fascistas que tu do fazem neste momento para controlar a situação a seu favor.

Nenhum democrata, nenhum patriota, nenhum socialista digno desse nome, pode, nesta hora grave, deixar de ter consciência do perigo fascista e estabelecer a ampla unidade que o permita derrotar.

27.11.75

A COMISSÃO CENTRAL DO MDP/CDE.